

UMA ABORDAGEM TEXTUAL PARA A TRADUÇÃO CONSIDERANDO A DEPENDÊNCIA DE CONTEXTO

Mayelli Caldas de CASTRO*

ABSTRACT: This study is mainly concerned with a conception of Translation as a producer of meanings, since the translator reorganizes and reconstructs the world through the choices made thus forming another unit of meaning (another text), always considering the context and intentions in the communicative act. In this study the text is assured its interactive nature, highlighting the theory that translation may only be analyzed by means of the process of text production and not in isolated units, as words. With new approaches, specially Pragmatics, Text Linguistics and Cognitive analyses, which one concerned with the study and explanation of meaning, we may reflect on translation as an independent activity because it is the construction of meaning that will determine the choices made by the translator, pointing towards its operation and its effect in a certain community.

KEYWORDS: Translation; Text production; meaning; translator; Context.

1. Introdução

Este artigo trata, principalmente, de uma concepção que aborda a tradução como produtora de significados, pois o tradutor, através de seu texto, reordena e reconstrói o mundo na medida em que faz suas escolhas para formar outra unidade de sentido (outro texto) com a substância de conteúdo do texto anterior e levando em consideração o contexto e as intenções pretendidas no ato comunicativo. Assim, neste estudo é assegurado ao texto seu caráter interativo, reforçando assim a teoria de que a tradução só pode ser analisada enquanto processo de produção textual e não em unidades isoladas, como palavras soltas. Com o advento de novas abordagens linguísticas, em especial como surgimento da Pragmática, da Linguística Textual e também de análises Cognitivas, que buscam estudar e explicar o sentido, podemos refletir sobre a tradução como uma atividade independente, pois é a construção de sentido, tendo em vista seu funcionamento e seu efeito em determinada comunidade, que vai determinar as escolhas feitas pelo tradutor.

Dentro dos Estudos da Tradução muitos teóricos tentam argumentar a respeito dessa atividade tão antiga e muito utilizada entre vários povos que se viram limitados pela barreira da incompreensão linguística. É inegável a grandiosa contribuição que a tradução proporcionou para toda a população mundial.

As décadas de 80 e 90 foram fundamentais para o incremento dos Estudos da Tradução. A partir das três últimas décadas, esses estudos percorreram diferentes abordagens e sofreram inúmeras mudanças de ênfase. Várias são as tentativas de compreensão do processo tradutório através de aproximações com as diferentes visões sobre o fenômeno, vindas do campo da linguística, até os métodos e modelos interpretativos que, tomando de empréstimo do vasto campo dos Estudos da Linguagem as nuances entre os conceitos de língua e linguagem, procurar dar um passo mais além dos procedimentos técnicos resultantes das traduções, e propostos por estudiosos ligados à ciência linguística.

*Mestranda do curso *Estudos Linguísticos* pela Universidade Federal do Espírito Santo e professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Espírito Santo - IFES.

Balizada por um texto fonte, durante toda a sua história, principalmente no que concernem os textos literários e religiosos, a tradução apresentou um conflito entre dois pólos: de um lado, a tradução literal e a fidelidade da forma; e, de outro, a tradução livre, que prioriza o conteúdo. A dualidade se coloca então entre a tradução de palavra por palavra ou a de sentido por sentido, ou seja, separação entre tradução *fiel* ou *literal*, única e aceitável para os escritos sagrados, e tradução *livre*, admitida para os demais textos.

Da mesma forma, também, a teoria da especificidade das línguas e da intransponibilidade entre elas encontrou eco ao longo da história e, ainda hoje, há aqueles que preconizam que a poesia é intraduzível, considerando a ligação intrínseca e indissociável entre forma e sentido.

Autores como Octavio Paz e o francês Jacques Derrida colocam a tradução no centro da atividade humana, sendo responsável pelo avanço das civilizações.

“A transculturação sempre envolve a tradução. Tanto é assim que se pode falar que estas são formas diferentes de tradução: contato, intercâmbio, negociação, tensão, acomodação, mestiçagem, hibridação, sincretismo, assimilação, aculturação e transculturação” (IANNI, 2000, p.113). São diferentes formas de tradução, nas quais podem envolver-se diferentes linguagens e diferentes modos de comunicação: fala e escrita, forma e movimento, som e cor, literal e figurado, metáfora e alegoria, realista e impressionista, naturalista e mágica, em diversas modalidades de combinações. Ao mesmo tempo põem em causa modos de vida de trabalho, formas de ser, agir, sentir e imaginar ou estilos de pensamentos e visões de mundo.

Conforme destaca Octavio Paz (1981, p.10) “é a tradução que introduz o ‘outro’ em sua forma mais radical e estranha: a linguagem. E quando se pensa em linguagem diferente, supõe-se imediatamente uma maneira outra de sentir, pensar e entender o mundo”. Dessa forma, é nessa concepção que refletiremos a tradução neste estudo, ou seja, como uma forma criadora e de interpretação em relação ao texto que se vai traduzir e, em especial, em relação ao “outro”.

Com visões das mais diferentes possíveis, a tradução tem sido objeto de discussão de muitos estudiosos. Muitos a adotam como um processo mecânico de transferência ou transposição de linguagem, como conversão de signos compreensíveis para incompreensíveis, como decodificação, equivalência, enfim, como substituição de um código por outro.

No entanto, pensando no que afirma Arrojo (1986, p.10), “ao tentarmos refletir sobre os mecanismos de tradução, estaremos lidando também com questões fundamentais sobre a natureza da própria linguagem, já que a tradução implica uma definição dos limites e do poder dessa capacidade tão ‘humana’ que é a produção de significados”. Nessa expectativa, é necessário rever o conceito de tradução que, segundo essa autora “não pode ser meramente o transporte, ou a transferência, de significados estáveis de uma língua para outra [...]” (1986, p.22).

Nessa mesma linha de pensamento, também para Haroldo de Campos, poeta brasileiro e renomado tradutor, adepto da visão benjaminiana, a tradução é um processo de fecundação da língua, uma transcrição que produz novos textos e novos significados. Esse autor expressa sua visão de tradução criativa e resgata o papel configurador da função poética, refazendo o percurso da *intencionalidade* do autor, conforme havia sugerido Walter Benjamin.

Longe de ser uma simples operação linguística, a tradução tem de dar conta da dinâmica da comunicação em suas intenções e funções diferenciadas. Se a tradução favorece o acesso a outras leituras de mundo, enriquecendo a rede de intertextualidade, de interdisciplinaridade, e de interculturalidade entre os povos, ela também suscita a reflexão do estatuto do texto traduzido. Todavia isso acarreta pensar sobre a necessidade de conciliar a

fidelidade ao original com o desejo de adaptação ao contexto da nova língua. Isto é, traduzir é recontextualizar um pensamento original.

Sabemos, entretanto, que este processo não está isento de ideologias e motivações diversas que vão além das simples questões de origem linguística, especialmente se considerarmos que a produção de significados se dá por leitura e interpretação, o que caracteriza essa atividade como um fenômeno subjetivo.

Sendo assim, veremos que na prática o pensamento original poderá ser “trocado” ou ficará em segundo plano, por assim dizer, se o tradutor tiver novas intenções e fizer escolhas que conduzirão o leitor alvo a uma dada interpretação. Este, por sua vez, dependerá de uma série de conhecimentos partilhados e conhecimento de mundo para poder inferir o sentido. Mas, no entanto, é sempre bom lembrar que esse sentido não está “puro”, ele sofrerá ao longo das diversas leituras muitas transformações e limitações.

2. Concepções Pragmáticas

Nos estudos pragmáticos e dentro da tradição fregeana o significado de uma frase é normalmente equiparado às suas condições de verdade, ao passo que em abordagens mais recentes o significado de uma sentença é identificado com seu potencial para mudar de acordo com o contexto, isto é, a natureza dependente do contexto atribuída à interpretação passa a ser relevante.

Na interpretação, são estabelecidas condições em relação tanto a um modelo de mundo, quanto a alguns outros parâmetros que fornecem informações contextuais, como o tempo e o lugar do proferimento, sua fonte e seu destinatário e outras características possíveis da situação de proferimento. De acordo com Groenendijk e Stokhof (1995) “a interpretação não apenas depende do contexto, mas também cria o contexto”. Então, fica evidente que a dependência do contexto é um dos pontos centrais nas várias abordagens pragmáticas (o estudo da linguagem do ponto de vista dos seus usuários).

O contexto é considerado uma noção essencial para a pragmática. Segundo Dascal e Berenstein (19__), a própria história da pragmática é a história dos múltiplos caminhos em que o sentido é dependente do contexto.

Dada a amplitude em que o termo *contexto* é usado nas concepções pragmáticas, adota-se neste estudo o conceito mais genérico, ou seja, a ideia de contexto como tudo aquilo que circunda os interlocutores, como ambiente circundante que é criado pelos discursos da sociedade onde operam os usuários, e as diferenças individuais irão restringir ou ampliar o acesso a estes discursos, chamados por Mey (1993) de a *Fábrica da Sociedade*. No entanto, este ambiente é dinâmico e estende-se para esta ou aquela direção de acordo com o que é dado ou escolhido a cada momento pelos participantes da interação. Em si, o contexto é uma abstração e os indivíduos estarão focalizando a sua atenção e levando em conta os fatores situacionais (rituais próprios da interação, fatores sociais e culturais), psicológicos, crenças e propósitos.

A noção explicitada acima é de extrema importância para a compreensão do que ocorre no ato tradutório, já que ao traduzir textos como ação comunicativa, muitos tradutores levam em conta a dimensão pragmática do contexto. Quer dizer, é necessário adicionar elementos sócio-culturais relacionados a noções básicas da pragmática (especialmente sobre contexto) para uma análise mais ampla da tradução e também dos problemas de tradução. Uma vez que o texto escrito é visto como um ato comunicativo negociado pelo emissor e receptor do mesmo modo que a conversação falada também o é, temos que encarar o texto como um processo e não como um produto, e a tradução como uma operação realizada por um ser vivo e não um artefato sem vida apenas com palavras impressas.

Sendo assim, é importante saber que tradutores profissionais estão sempre levando em consideração o fato de que tanto o texto dito *original* como o traduzido são produzidos para um leitor que possui necessidades, expectativas, etc. e de que há uma intenção comunicativa por trás desse processo.

Em resumo, para uma reflexão eficaz da tradução em termos contextuais, torna-se prudente essa passagem por concepções pragmáticas, pois várias teorias exponenciais do sentido procuraram guardar uma noção de sentido *literal ou independente do contexto* e isso se estendeu aos estudos da tradução. Porém, como já dito anteriormente, a Pragmática pressupõe o sujeito em discurso e isso coloca em cena o usuário do signo. Pierce (1972), por exemplo, colocava a questão de que há signos que são interpretados somente em relação aos objetos da situação em que o usuário faz uso da linguagem. Portanto, é desse modo que consideraremos aqui o ato tradutório, ou seja, o consideraremos de acordo com seu contexto situacional.

3. Criando um novo texto

Barnstone (1993, p.21) diz que o ato de ler envolve uma tradução interpretativa da mesma maneira que a tradução formal envolve uma leitura interpretativa. Em outras palavras, “traduzir é ler e interpretar”, resume Barnstone. Isso nos faz refletir que todo texto pode se expandir em uma série de novos textos, se partirmos do pressuposto de que a interpretação varia de acordo com o leitor e com seu contexto situacional.

Nesse sentido, todo texto quando é criado já se torna *independente* e suas possíveis interpretações vão ganhando vida à medida que esse texto esteja inserido em novos contextos históricos e sociais associados às suas funções nos seus mais diversos usos.

Jean-Michel Adam, que propõe uma análise sobre a tradução dentro de uma perspectiva textual, afirma em sua célebre frase que “uma tradução é apenas um momento de um texto em movimento. Ela é, inclusive, a imagem de que ele nunca acaba. Ela não poderia imobilizá-lo” (2008, p.321). Isso nos remete a voltar a afirmar o que fora supracitado aqui – que o texto ganha vida independente quando se constitui como texto, isso por causa das variadas interpretações.

No que diz respeito ao papel do tradutor, ao tomarmos a tradução sob esse prisma, chegaremos à conclusão de que, diferentemente do escritor original, o tradutor é um tipo de escritor *especial* que cria seu próprio texto, mas não a partir de suas ideias próprias, mas a partir de um outro texto. Ao leitor final cabe a tarefa de interpretar novamente o texto que fora interpretado antes pelo tradutor. E assim podemos entender a afirmação de Jean-Michel Adam quando defende que a tradução não poderia imobilizar esse texto.

4. A teoria na prática

Se a tradução, como leitura ou interpretação, deixa de ser uma atividade que protege os significados *originais* de um autor, e assume uma condição de produtora de significados, como preconizou Arrojo (1986), todo leitor ou tradutor não poderá evitar seu contato com os textos seja mediado por suas circunstâncias, suas concepções, seu contexto histórico e social.

Segundo Arrojo, “aquilo que consideramos verdadeiro será irremediavelmente determinado por todos os fatores que constituem nossa história pessoal, social e coletiva. Nesse sentido, é a história que dá luz à verdade, e não a verdade que serve de modelo para a história” (1986, p. 38).

A partir dessa reflexão, pensemos sobre a tradução da famosa frase filosófica de Shakespeare em língua inglesa “To be or not To be”. A princípio, de imediato, iremos traduzir

para o português o que já sabemos: “Ser ou não ser”. Essa tradução se torna até involuntária para aqueles que já conhecem, mesmo que o mínimo, essa frase e se remetem à obra de Shakespeare “Hamlet” cuja história aborda a tragédia do príncipe da Dinamarca.

Essa frase é frequentemente usada com uma intenção filosófica profunda e, sem dúvida, é uma das mais famosas frases da literatura mundial. Por isso, fica difícil pensar em um leitor que não a conheça ou que não a tenha ao menos ouvido. No entanto, mesmo se partirmos do princípio de que haja leitores de língua portuguesa que não conheçam Shakespeare e que nunca haviam ouvido tal frase, acredita-se que se pedíssemos uma tradução imediata a esses leitores sabendo que eles dominam o básico da língua inglesa, tal frase seria facilmente traduzida por “ser ou não ser”.

Até agora, o exemplo ainda não esteve inserido em condições contextuais específicas. Então, imaginemos uma peça de teatro que estivesse parafraseando ironicamente Shakespeare, provavelmente a frase se encaixaria em alguma abordagem de conflitos existenciais ou algo do gênero. A tradução continuaria a mesma.

Mudemos o cenário e imaginemos uma sala de aula composta por alunos brasileiros de Ensino Médio que, ao se depararem com o material didático escolhido pelo professor de língua inglesa, vissem essa questão:



(FERRARI e RUBIN, Inglês: volume único: ensino médio, 2000, p.12)

Este contexto aconteceu de fato em uma escola pública federal de Ensino Médio e os estudantes referidos são alunos do 2º ano. Eles trabalharam com essa charge e discutiram sobre a tradução proposta e a intenção dessa tradução.

Pode afirmar, com certeza, que a maioria desses alunos, a princípio, pensou na obra de Shakespeare, já que os mesmos tinham esse conhecimento prévio. No entanto, algo os incomodava: era o fato da tradução da charge fazer referência ao verbo “estar” também, o que não ocorre na obra original. Ou seja, essa foi uma criação do tradutor que teve uma intencionalidade fortemente marcada por um objetivo didático, isso é o que nos ocorre.

Os alunos foram questionados se eles entendiam o porquê dessa tradução com o verbo “estar” e com a mistura dos dois, *ser e estar*. A primeira resposta foi a de que o verbo To Be possui essas duas traduções imediatas, dois usos. Mas eles foram novamente questionados se havia alguma intenção nessa tradução proposital já que na obra de Shakespeare a frase original não contempla essa possibilidade. A segunda resposta foi que o tradutor queria

ênfatar as duas possibilidades de uso do verbo To Be e também porque o menino da charge representava um estudante que se confundia constantemente com esses dois usos.

Numa terceira pergunta, eles foram questionados se havia a necessidade dessa ênfase (as duas possibilidades de uso do verbo to be), uma vez que lhes fora ensinado. Os alunos reconheceram que essa necessidade era pertinente, pois a maioria deles só se lembrava da primeira tradução do verbo To be (ser).

Após essa reflexão sobre a charge, passou-se à discussão sobre o uso da tradução nessa sala de aula de língua inglesa, ou seja, sobre essa construção de sentidos novos baseada em um determinado uso contextual da língua. Todos entenderam e concordaram que o olhar do leitor é determinante para a produção de sentido no texto, pois se a mesma charge fosse apresentada em uma comunidade de falantes de inglês que estudassem o português como segunda língua, talvez a perspectiva não fosse a mesma porque tais estudantes já estariam acostumados com os dois usos do verbo To be e não precisariam dessa reflexão.

Não se trata aqui de uma abordagem pedagógica da tradução e nem se pretende discutir se essa é uma boa técnica de ensino de língua estrangeira, mas a intenção nessa abordagem é refletir sobre como essa questão foi aceita pelos alunos de língua inglesa e como eles a conceberam e a interpretaram.

Na verdade, quando um leitor *infere significados* de um texto, sua interpretação não pode ser exclusivamente sua, da mesma forma que o escritor não pode ser o autor soberano do texto que escreve. Assim, “cada tradução proporciona uma leitura, uma interpretação, uma possibilidade fundada na disposição apresentada em cada linha com aquelas que leitor decifrador traz para desvendar a palavra” (FILGUEIRAS, 2005 p.61).

Obviamente que a intenção de Shakespeare, ao que sabemos, era mostrar o conflito existencial em que se encontrava seu personagem em uma determinada época. Mas, ao parafrasearmos Shakespeare (e o fazemos o tempo todo) utilizando essa frase, tendemos a fazê-lo ora em um tom irônico ora para inferir que também estamos em uma situação de difícil escolha e não sabemos para que rumo tomar. Essas são as interpretações mais óbvias que nos remetemos quando pensamos rapidamente nessa frase.

Contudo, não podemos dizer com total firmeza a intenção dos autores dos textos originais, pois essas intenções e esse universo serão sempre, inevitavelmente, nossa visão daquilo que possam ter sido.

Para ilustrar melhor essa concepção a afirmação de Arrojo é ideal:

O foco interpretativo é transferido do texto, como receptáculo da intenção *original* do autor, para o intérprete, o leitor, ou o tradutor. Isso não significa, absolutamente, que devemos ignorar ou desconsiderar o que sabemos a respeito de um autor e de seu universo quando lemos ou traduzimos um texto. Significa que, mesmo que tivermos como único objetivo o resgate das intenções originais de um determinado autor, o que somente podemos atingir em nossa leitura ou tradução é expressar nossa visão desse autor e de suas intenções. (1986, p. 41)

Entretanto, no que diz respeito a Shakespeare muito já se tem comentado e discutido sobre essa obra e principalmente sobre tal frase, o que nos leva a conhecer seu cunho filosófico existencialista. Mesmo assim ainda contamos com nossa habilidade interpretativa quando lemos a obra e/ou sua tradução.

Por outro lado, ao entendermos o contexto social e a função do texto usado aqui como exemplo vimos que a intenção primordial parece ser didática. Mas, também há a questão da intertextualidade que levanta a intenção de dúvida. Dúvida esta que também se estabelece na escolha de *ser ou estar* para a tradução do verbo To be. Dúvida que remete ao constante esquecimento dos alunos a respeito do segundo uso do verbo To be. Para sabermos isso,

temos que estar envolvidos com esse ambiente ensino/aprendizagem de língua estrangeira, sabermos a abordagem histórica desse ensino no Brasil, os resultados e abordagens obtidos ao longo dos anos em que se ensina inglês para escolas públicas e uma série de outros conhecimentos partilhados. Provavelmente, o tradutor e criador da charge pensou em todo esse contexto situacional histórico socialmente marcado antes de traduzir e criar esse novo texto.

5. Considerações finais

Em suma, concluímos que toda tradução é fiel às concepções textuais e teóricas da comunidade interpretativa a que pertence o tradutor e também aos objetivos que se propõe. Assim também em relação às convenções contextuais que regem a tradução e que são estabelecidas a partir do momento em que se especificam os objetivos e circunstâncias desse texto.

A tradução não é uma atividade puramente mecânica, que pode ser exercida por qualquer pessoa que fale bem uma língua estrangeira. Traduzir não é permanecer no enunciado, mas sim elaborar um discurso de significados novos, produzindo outro texto.

Parece claro que, apesar das limitações inerentes a qualquer tradução, - e para além desses limites - ela favorece uma maior aproximação entre os povos e que, por conseguinte, toda vez que lidamos com a cultura do outro, somos levados a refletir sobre nós mesmos com a relação a esse outro com quem dialogamos. Podemos afirmar que foi exatamente isso que aconteceu com os referidos alunos diante da charge analisada, eles acabaram refletindo sobre o constante esquecimento, por parte deles, do segundo uso do verbo To Be. Isso foi proporcionado por uma tradução que trazia uma forte intenção comunicativa.

Podemos também dizer que o tradutor parece ter tido consciência sobre todo o contexto situacional socialmente e historicamente marcado dos alunos que utilizariam aquele tipo de material didático. Mesmo porque se trata de um material que utiliza bastante nas suas explicações a língua portuguesa, acredita-se que isso se deve ao fato de ser um livro preparado para estudantes com dificuldades como a que foi apontada neste estudo.

O que inevitavelmente acontece, a todo o momento e em toda tradução é, como sugere o filósofo francês Jacques Derrida, “uma transformação: de uma língua em outra, de um texto em outro” (1985, p.87). Em seu trabalho de *desconstrução*, *desconstruir* não significa *destruir*, mas sim propor uma nova maneira de ler e interpretar, garantindo a pluralidade das múltiplas *verdades* em detrimento de um centro polarizador de uma *verdade única*.

A verdade é que a circulação de textos através da história se deu pelas suas traduções que, boas ou más, constituem parte integrante do acervo comum de textos, independentemente do recorte nocional que habitualmente se faz e que desconsidera as obras estrangeiras como peça integrante do sistema literário de uma cultura. E é através desse acervo comum de textos que podemos chegar ao exemplo abordado nesse estudo bem como fazer possíveis inferências, e isso graças à Tradução.

Referências

- ADAM, Jean-Michel. *A Linguística Textual: Introdução à análise textual dos discursos*. Revisão técnica, Luis Passeggi, João Gomes da Silva Neto. Vários tradutores. São Paulo: Cortez, 2008.
- ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.
- BARNSTONE, Willis. *The poetics of Translation*. New Haven: Yale University Press, 1993.

- BATALHA, Maria Cristina; PONTES JR., Geraldo. *Tradução*. São Paulo: Editora Vozes, 2007.
- CAMPOS, Haroldo. *Da tradução como criação e como crítica*. In: *Metalinguagem*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1970, p. 31-35.
- DASCAL, Marcelo; BERENSTEIN, I. *Two modes of understanding: comprehending and grasping*. [S.I]: Netherland Institute for Advanced Study in the humanities and Social Science, [19__], p.4.
- DERRIDA, Jacques. *Torre de Babel*. Trad. de Junia Barreto. Belo Horizonte: UFMG, 2002 [1985].
- FERRARI, Mariza Tiemann; RUBIN Sarah Giersztel. *Inglês: volume único: ensino médio*. São Paulo: Scipione, 2000. Coleção Novos Tempos.
- FILGUEIRAS, Lillian Virgínia DePaula. *Uma pedagogia da Tradução*. Tradução e Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores. N.14. São Paulo: UNIBERO, 2005, p.57-65.
- GROENENDIJK, Jeroen; STOKHOF, Martin. Conference and Contextually restricted quantification. In M. Simons and T. Galloway, editors, *Proceedings of the fifth Conference on Semantics and Linguistic Theory*. Pages 112-129, Ithaca, 1995. CLC Publications.
- IANNI, Octavio. *Enigmas da Modernidade-Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.113.
- MEY, Jacobs L. *Pragmatics: an introduction*. Cambridge: Basil Blackwell, 1993.
- PAZ, Octavio. *Traducción: literatura y literalidad*. Barcelona: Jusquets, 1981.
- ROBERTS, Craige. *Context in Dynamic Interpretation*. The Handbook of Pragmatics. Horn, Laurence R. and Gregory Ward (Orgs.). Blackwell Publishing, 2005.
- SHAKESPEARE, Willian. *A trágica história de Hamlet Príncipe da Dinamarca*. Edição Ridendo Castigat Mores. Versão para eBook. Fonte Digital www.jahr.org. disponível em [HTTP://www.ebookbrasil.org/eLibris/hamlet.html](http://www.ebookbrasil.org/eLibris/hamlet.html).